

# CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A REVISTA MATO-GROSSENSE CIDADE VERDE (1935)

\*\*\*

## PRELIMINARY CONSIDERATIONS ABOUT THE MT MAGAZINE CIDADE VERDE (1935)

Cristina Campos<sup>1</sup>  
Eduardo Mahon<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 22/09/2022

**Data de Aceite:** 21/10/2022

**RESUMO:** O presente artigo analisa os primeiros números da revista mato-grossense Cidade Verde, lançada em 1935. Ao perceber que o periódico permanecia desconhecido da crítica especializada, os números encontrados são de fundamental importância que a comunidade acadêmica. Na publicação, percebemos a manutenção da fórmula de canonização literária por meio da eleição de determinados autores regionais, além da temática reiterada do posicionamento de Cuiabá como centro da produção local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Periódico literário. tradição local. Literatura brasileira. regionalismo mato-grossense.

**ABSTRACT:** This article analyzes the first numbers of the Mato Grosso magazine Cidade Verde, launched in 1935. Realizing that the journal remained unknown to specialized critics, the numbers found are of fundamental importance to the academic community. In the publication, we perceive the maintenance of the formula of literary canonization through the election of certain regional authors, in addition to the reiterated theme of the positioning of Cuiabá as the center of local production.

**KEYWORDS:** Literary periodical. local tradition. Brazilian literature. Mato Grosso regionalism.

---

1 Doutora em Educação, pela USP; professora aposentada do IFMT – Campus Cuiabá; pesquisadora e escritora.  
2 Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL-UNEMAT.

## Introdução

Nosso interesse pelos periódicos mato-grossenses nasceu da convergência entre dois estudos: de um lado, o levantamento de textos e materiais ligados à Literatura Mato-grossense, especialmente relacionados ao Intensivismo – movimento literário de vanguarda fundado por Wladimir Dias-Pino em 1948 –, e de jornais que, em geral, circularam em Mato Grosso durante os séculos XIX e XX, sobretudo os que publicavam material literário. Ao pesquisarmos o acervo da Biblioteca Nacional (BN), percebemos a ocorrência da revista Cidade Verde<sup>3</sup>, da qual não tínhamos notícia e, de fato, ainda não disponibilizada digitalmente ao público pesquisador. Este artigo traz à lume o periódico, tecendo algumas reflexões iniciais a seu respeito.

## 2. Caracterização da revista Cidade Verde

Por meio de sua hemeroteca digital, a BN conserva três números da Cidade Verde (n. 1, 2 e 4), publicada em Cuiabá-MT a partir de 1935. Não constam informações acerca de seu formato. Anunciada no sítio da instituição como um dos raros exemplares “modernistas” de Mato Grosso, conta com apenas esses números, o que provavelmente é uma amostra pequena do periódico cuja proposta inicial foi circular quinzenalmente e que, por fim, pelo menos provisoriamente, se tornou mensal.

Na quarta edição, há uma advertência ao público que justifica a alteração na periodicidade em função da falha no fornecimento de papel:

Por motivo de força maior, somos obrigados a publicar mensalmente a nossa revista.

Esperamos, entretanto, que este motivo por pouco perdure de vez que aguardamos a chegada do material typogrâphico, já encomendado.

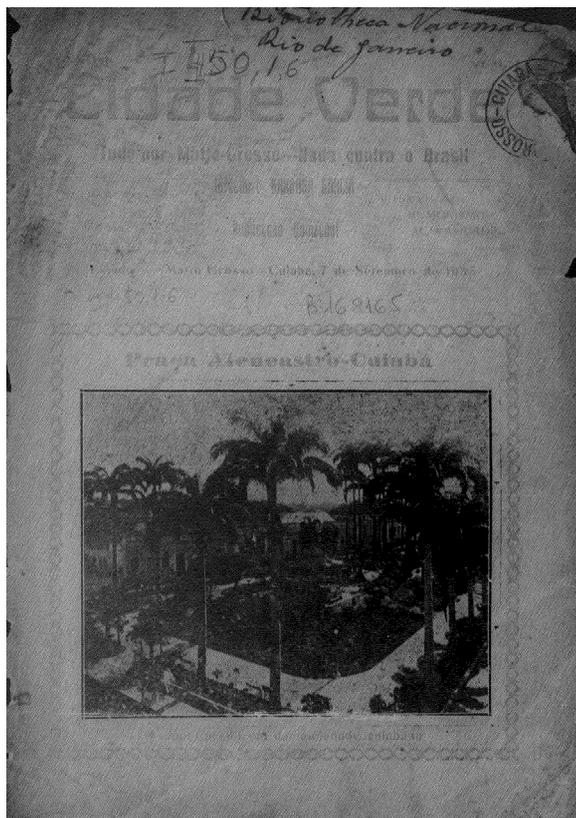
Ao público, a quem pedimos escusas, comunicamos que resolvemos editar em número especial a próxima revista como homenagem à maior data do mundo cristão – o nascimento do menino Jesus (CIDADE VERDE, 1935, n. 4, p. 9).

---

<sup>3</sup> No *site* da Biblioteca Nacional, há um espaço intitulado ‘Sobre Periódicos & Literatura’, onde são caracterizados os jornais ali depositados. Cf.: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impressos-periodicos-literatura/cidade-verde/>>.

Formulamos nossa solicitação, inicialmente, em 2020, mas, por causa da pandemia, o laboratório da BN ficou fechado e somente agora, em 2022, nos foi enviada a microfilmagem<sup>4</sup> desses três números<sup>5</sup>, o que já nos permite tecer uma breve apresentação e propor algumas reflexões iniciais sobre a revista matogrossense.

**Figura 1. Capa da primeira edição de Cidade Verde, de 07.09.1935.**



Fonte: CIDADE VERDE, n. 1, 1935.

A revista Cidade Verde teve sua redação e administração situadas na rua Antônio Maria, nº 44, no centro de Cuiabá-MT. A primeira edição foi lançada no

<sup>4</sup>Não sabemos se a microfilmagem fornecida pela BN abrange integralmente os três números, pois a qualidade do material é ruim, há páginas quase apagadas e mesmo totalmente escuras. O site informa que “suas páginas estão amarelecidas e as folhas soltas” (COSTA, 2022).

<sup>5</sup> Agradecemos à BN, pela disponibilização do microfilme, e ao Núcleo de Documentação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (NDHIR-UFMT), pela gentileza de convertê-lo em linguagem digital.

dia 7 de setembro de 1935, não por acaso coincidindo com as festividades cívicas relativas à independência do Brasil.

Figura 2. Primeira página da edição de estreia de Cidade Verde.



Fonte: CIDADE VERDE, n. 1, p. 1, 1935.

O diretor da revista foi L. Barbosa Garcia. Seus colaboradores se autodenominaram “jornalistas indígenas”. Entre eles, estão José de Mipibú, Antonio Evangelista, Graça Aranha, Campos Júnior, L. Barbedo, Luiz Potyguar e Viriato Corrêa. Publicaram poesias Maria de Arruda Müller, Antonio Tolentino de Almeida, José de Mesquita, Rubens de Mendonça, Octavio Cunha, Barbosa Leão, etc. O editorial classifica o periódico como “revista de actualidades”, alcunhando um dístico ao final, ligado umbilicalmente ao projeto identitário em construção no princípio do século XX em Mato Grosso: “Tudo por Matto Grosso – Nada contra o Brasil”, que também aparece logo abaixo do título e, ainda mais abaixo, emolduradas por adornos, se encontram palavras que apontam para o que o leitor encontrará: de um lado, “commercio, sciencia, arte” e, do outro, “literatura, humorismo e actualidade”; além de notícias, o periódico divulgou conselhos, piadas, ditos populares, lendas, artigos, propagandas e fotografias, constituindo farta iconografia da cidade, um detalhe que o singulariza. Enfim, um periódico rico em variedades.

É muito provável que a diagramação partisse dos mesmos profissionais responsáveis por outras publicações da época como, por exemplo, as revistas do

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e da Academia Mato-grossense de Letras (AML). O rebuscamento dos desenhos, as fontes utilizadas e a ortografia tradicional compõem o padrão que circulava na capital mato-grossense até o advento das revistas intensivistas diagramadas por Wlademir Dias-Pino.

Reproduzimos, na íntegra, o editorial do primeiro número:

**Pedimos a palavra...**

Artigo de fundo... Muito adequado, perfeitamente apropriado para revistas e jornais que se dizem políticos.

Se é necessário, imprescindível, artigo de fundo para uma publicação que indica no título o que ella é – ei-lo! Aqui está... Revista de actualidades, obrigada à velha rotina...

Nada mais precisamos acrescentar, por que artigo de fundo não devem ser expressões vagas, que vão sahindo da destillação do bico de uma Mallat oxydada.

O fundo é tudo na vida, como diria o nobilíssimo e venerando sr. conselheiro Accacio.

O fundo, diremos nós, jornalistas indígenas, é o final – a nossa legenda – que representa patentemente o que será a CIDADE VERDE: um periódico quinzenal, cujo fim único e exclusivo é convencer, proclamar, gritar por todos os recantos onde se soletre, ou onde se leia:

‘Tudo por Matto Grosso, nada contra o Brasil’.

Temos dito... (CIDADE VERDE, 1935, n. 1, p. 1).

### **3. Análise do conteúdo de Cidade Verde**

Passaremos a tecer algumas considerações preliminares quanto ao conteúdo de Cidade Verde, inclusive para suscitar interesse e ensejar novas pesquisas.

Em primeiro lugar, chamou-nos a atenção o nome do periódico. Muitas cidades, no Brasil e no mundo, receberam este tipo de alcunha, entre outras: Cidade Eterna (Roma-Itália), Cidade Luz (Paris), Cidade Maravilhosa (Rio de Janeiro-RJ), Cidade Branca (Corumbá-MS), Cidade Morena (Campo Grande-MT). Consultamos verbalmente os historiadores mato-grossenses Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Madureira Siqueira e Paulo Pitaluga da Costa, ambos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), a respeito da origem do apelido “Cidade Verde”. Informaram-nos que, provavelmente, Dom Francisco

de Aquino Corrêa é o autor do cognome, registrado pela primeira vez, ao que tudo indica, em uma poesia homônima publicada no seu livro *Terra natal*, cuja primeira edição data de 1920, portanto quinze anos antes do periódico em análise. Vejamos o texto:

### A 'CIDADE VERDE'

*Similis visioni smaragdinae*<sup>6</sup>.  
(Apocalipse, 4:3)

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,  
tão verdes, sobranceiras  
e lindas como alhures não as há,  
sobre alcatifas da mais verde relva.  
em meio à verde selva,  
eis a 'cidade verde': Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes  
eternamente amantes.  
os seus dois morros, e tão verdes são,  
que até refletem pálidos verdores  
nos lares cismadores,  
que enchem do vale a plácida mansão.

Muita vez, na amplidão do céu ridente,  
que tão maciamente,  
sobre ela curva o céruo matiz,  
passa a nuvem dos verdes periquitos,  
gárrulos e infinitos,  
qual chusma de esperanças infantis.

Passa!... E na calma do horizonte verde,  
que além no azul se perde,  
ela adormece ao ósculo fugaz  
do verde rio lânguido, que a esfrola,  
cantando a barcarola  
infinita dos beijos e da paz.

Salve, meu verde ninho, onde, primeiro,  
contemplei o Cruzeiro  
e as alvoradas álacres dos sóis!

---

<sup>6</sup> Semelhante à cor das esmeraldas.

Tu tens a cor das oliveiras mansas,  
das meigas esperanças  
e das láureas eternas dos heróis!

Na tua verdejante flora rude,  
eu canto a juventude  
perpétua dos maternos ubres teus,  
e sonho essa visão esmeraldina,  
que se nos descortina,  
no livro santo, quando pinta os céus.

Como tu, não tem, não, tantas grinaldas  
de vivas esmeraldas,  
a Úmbria verde, nem a verde Erin:  
mais rica do que o fúlvido Eldorado,  
tens o encanto sagrado  
de uma Canaã melíflua para mim.

Não há tesouro, que teu preço iguale!  
Tudo que o mundo vale,  
a par de ti, em lodo vil se esvai;  
pois tens o que há de mais sagrado e terno:  
o túmulo materno  
e esses cabelos brancos de meu pai!

Quem dera, ó Deus, que à luz da tua face,  
minha alma retornasse,  
como o batel que volve ao seu fanal,  
embalada nas vírides bonanças,  
desse mar de esperanças,  
em que se banha o meu torrão natal!

Quero dormir à sombra da verdura  
da pátria, numa pura  
região de primaveras imortais,  
onde paire, qual plácida e infinita  
flor, essa cruz bendita  
da religião divina dos meus pais!

E quando, livre, pelo azul infindo,  
for minha alma subindo,  
possa ela ainda contemplar, meu Deus!,  
as verdes palmas dos gentis coqueiros,

como dedos fagueiros,  
a dar-lhe, trêmulas, o extremo adeus!

Salve, cidade verde! A ti, meu berço.  
melhor do que o universo,  
eu te saúdo ao ósculo fugaz  
do rio verde-negro, que te esfrola,  
cantando a barcarola  
infinita dos beijos e da paz! (SILVA, 1985, p. 48-50).

Trata-se de uma ode enaltecendo Cuiabá, cidade em que nasceu e viveu o poeta. A respeito da poesia, Rosana Rodrigues da Silva (2015, p. 21) comenta:

[...] As estrofes sextilhas, combinadas em pares decassílabos e versos de seis sílabas, garantem a cadência das imagens que desenham a cidade. No quinteto final, o poeta conclui esse desenho na expressão de entrega à visão contempladora da cidade já personificada. A palavra ‘verde’, já presente no título, é retomada em todas as estrofes [...], contribuindo para a plasticidade da imagem poética. [...] O poeta preza pela palavra trabalhada esteticamente, aliando ao léxico da paisagem cuiabana o léxico que remete à visão enaltecida pelos cronistas do Brasil recém descoberto (‘flabelos reais’; ‘alcatifa’; ‘plácidos verdes’). Essa associação, do passado colonial ao presente, embeleza a cidade e atribui a Cuiabá a grandeza majestosa da pátria cantada nos versos românticos. *Cuiabá é enaltecida em sua visão paisagística, engrandecida de tal forma que, ao fim do poema, ganha a dimensão da cidade personificada que adormece ante a calma de sua própria paisagem* [grifo nosso].

Na poesia, a exaustiva reiteração do adjetivo “verde”, valorizado poética e plasticamente desde a epígrafe, remete ao simbolismo positivo da esperança e da riqueza, tanto material quanto espiritual.

Curiosamente, “Cidade Verde” relaciona-se dialeticamente com “Mato Grosso”: cidade verde (civilizada, urbanizada, com muitos bosques e praças aprazíveis, valorizada presença de uma natureza exuberante que, racionalmente contida e disciplinada pela engenhosidade humana, cria uma ambiência amena ao convívio em pleno calor tórrido dos trópicos) x mato grosso (selva agreste,

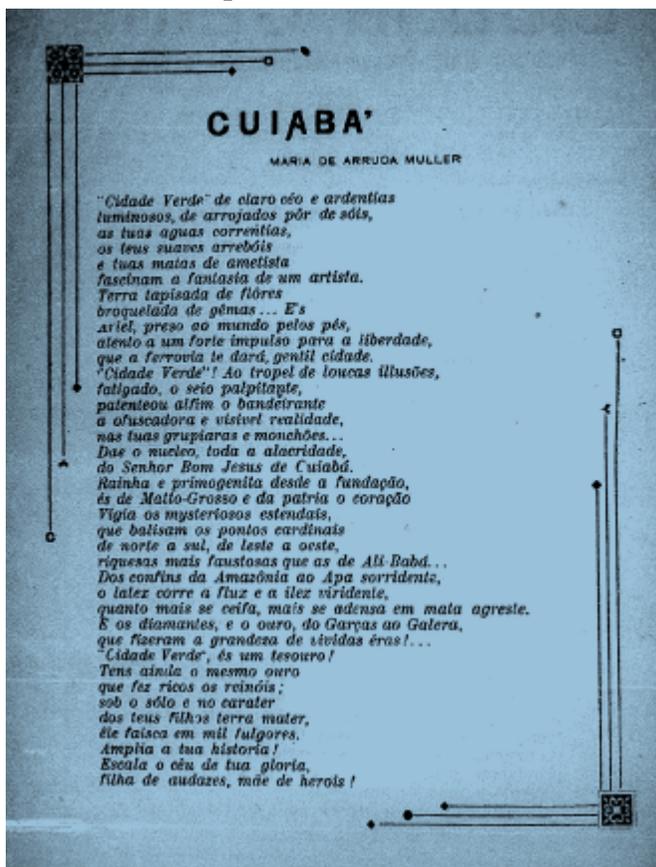
densa, perigosa, impenetrável e incivilizada). Na relação, o polo urbano ganha valoração positiva em contraste com o polo natural, presente, mas necessitando ser controlado.

Logo, não por acaso, o cognome foi escolhido para nomear o periódico analisado. A tônica de Cidade Verde é o compromisso com a questão mais importante do período: a identidade mato-grossense e a inserção de sua capital como centro civilizatório, no qual se reuniam as maiores expressões estaduais e de onde partia uma pauta intelectual que perduraria durante todo o século XX. Seu lema “Tudo por Mato Grosso” seria melhor lido como “Tudo por Cuiabá”, já que os poemas, contos, crônicas e artigos dedicavam-se exclusivamente à capital, não contemplando nenhuma cidade do interior do Estado.

Inaugura a revista o poema ‘Cuiabá’, de Maria de Arruda Müller. O tom encomiástico dedicado à construção do imaginário heroico da capital mato-grossense era comum entre os intelectuais da época. Destaca-se a estratégia utilizada por seu diretor: convidar uma escritora que, ao mesmo tempo, era a primeira-dama do Estado de Mato Grosso. Filha de João Pedro de Arruda, neta de Generoso Ponce e casada com o interventor getulista Júlio Müller, o espaço relevante da publicação foi aberto para essa espécie de bênção da elite cuiabana. Ao abordar Cuiabá, o poema em questão chega ao seguinte remate:

[...] ‘Cidade Verde’, és um tesouro!  
Tens ainda o mesmo ouro que fez ricos os reinóis;  
sob o solo e no caráter  
dos teus filhos *terra mater*,  
ele faísca em mil fulgores.  
Amplia a tua história!  
Escala o céu de tua glória,  
filha de audazes, mãe de heróis! (CIDADE VERDE, 1935, n.  
1, p. 2).

Figura 3. Destaque de uma página inteira, na abertura da primeira edição de Cidade Verde, à poesia de Maria de Arruda Müller.



Fonte: CIDADE VERDE, n. 1, p. 2, 1935.

O alinhamento político com o regime getulista é evidente. Vívidos elogios, referências encomiásticas e expressões hiperbólicas compõem os textos publicados em Cidade Verde. Não só no âmbito nacional a revista estava de acordo com os padrões patrióticos e conservadores. No âmbito regional, o foco era noticiar os eventos sociais da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ambos convergindo para o projeto identitário formulado pelo então governador D. Aquino Corrêa durante a gestão de 1918-1922.

Há pouco de verdadeiramente popular em Cidade Verde. A revista

apresenta um tom oficial, ligado aos eventos públicos. O lançamento do periódico foi comemorado como desdobramento dos festejos da independência do país; os eventos registrados pertencem ao calendário cívico nacional e regional. Não se encontra no alvo do interesse editorial aspectos relativos aos estratos mais pobres da população cuiabana: pescadores ribeirinhos, artesãos ceramistas, tapeceiros, rendeiros, trabalhadores do comércio, prostitutas e outros personagens do cotidiano cuiabano.

#### 4. Imprecisões topológicas

Cumpre-nos observar o destaque dado pela Biblioteca Nacional ao poema ‘Tarde chuvosa’, de Rubens de Mendonça, em sua breve biografia no *site*<sup>7</sup>, como integrante do segundo número da revista Cidade Verde, o que pode induzir os pesquisadores a acreditar que, em razão disso, o periódico apresente aspectos modernistas que precedem o lançamento da revista Pindorama, de 1939.

Tal impressão dissolve-se logo ao compulsar o periódico lançado por Barbosa Garcia. Tratava-se de atualizar e entreter o público, passando ao largo da literatura, que aparece coadjuvando com várias fotografias da capital e textos corroborativos do regime político getulista. A referência ao periódico leva, inicialmente, ao eventual equívoco. Em termos topológicos, Cidade Verde não pode ser classificada como uma publicação essencialmente “modernista”.

Aspectos comezinhos do cotidiano têm espaço avantajado; por exemplo, a coluna “Moda” traz um artigo intitulado “O Ressurgimento das Meias Pretas”, assinado por Lady Myra (CIDADE VERDE, n. 4, p. 10, 1935), o que, juntamente com outros como “A Moda”, de Mariteresa, que dá conselhos de como se vestir bem, mostram que o diretor buscou também alcançar um público leitor feminino, dedicando-lhe atenção para entretenimento (CIDADE VERDE, n. 1, p. 12, 1935).

A coluna “Carta da Roça”, assinada por Polidoro da Surreição e endereçada a um hipotético editor da revista, “cumpadi Totó Assodaçon”, vem redigida no dialeto caipira de forma leve e bem-humorada. Nela, o homem do campo se faz presente, caricaturado e superficial (CIDADE VERDE, n.1-2, p. 12, 1935).

<sup>7</sup> Do material microfilmado, é importante sublinhar o texto de Barbosa  
7 O endereço citado é: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/rubens-de-mendonca/>>.

Garcia, “O Minhocão do Pary” (CIDADE VERDE, n. 1, p. 5, 1935), sobre a lenda do monstro que compõe o imaginário mato-grossense. Essa narrativa, somada a outros elementos – como pequenos casos, poesias, ditados populares, fotografias de eventos sociais e torneios esportivos – formam a miscelânea de Cidade Verde e conduzem o leitor por aspectos populares do periódico. Dentre eles, destacam-se os rodapés satíricos:

Você deixou de ser nossa cozinheira, pretextando que nós não aumentávamos seu ordenado. Agora vem dizer que trabalha para um patrão que não lhe paga um vintém sequer. — E é verdade, minha senhora. Casei-me (CIDADE VERDE, 1935, n. 1, p. 12).

Meu fio, muié bonita  
De duas falas uma tem:  
Ou qué bem a todo mundo  
Ou não gosta de ninguém (CIDADE VERDE, 1935, n. 1, p. 3).

Carne de porco é toucinho,  
Osso de perna é canella.  
Cara de bicho é focinho,  
Trem de cozinha é panela (CIDADE VERDE, 1935, n. 2, p. 10).

Reproduzimos três exemplos de textos que preencheram o espaço no pé de página das publicações disponíveis. Como se vê, não se trata do esforço modernista de atualização de linguagem, de ruptura com o que era considerado passadista ou estrangeiro, mas simples registro de frugalidades. Ou, de outro modo, as quadrinhas podem ser tomadas como amostras de um caráter pitoresco, exótico, mais inclinado à exibição de “caipirismos”, nunca de uma proposta de valorização ontológica de aspectos regionais.

Os registros fotográficos mereceram destaque no periódico, o que aponta para a incorporação da tecnologia pelo jornalismo regional. Nas capas das três edições, aparecem imagens em destaque de praças da cidade. Legendando-se fotografias de locais públicos de Cuiabá com “Nossa Terra”, constam imagens do Palácio da Instrução (CIDADE VERDE, n. 1, p. 9, 1935), da Casa Barão de Melgaço (CIDADE VERDE, n. 1, p. 10, 1935), da rua Pedro Celestino (CIDADE VERDE,

n. 2, p. 3, 1935), entre outras, reforçando a identidade essencial para constituir a capital como o centro emergente e hegemônico da região. Destacam-se também as fotos do time de futebol “Esporte Clube Pelote” (CIDADE VERDE, n. 1, p. 6, 1935) e do “Chá Dansante”, onde um “grupo de convidados que tomaram parte do chá dansante do 12º Regimento” fizeram pose especial para “Cidade Verde” (CIDADE VERDE, n. 4, p. 5, 1935).

O lema “Tudo por Mato Grosso – Nada contra o Brasil” resumiu a tônica da revista. Nela, não havia qualquer ímpeto de contestação temática ou estética. Ao contrário. Paradigmático espaço era cedido a nomes tradicionais da sociedade e da cultura regional. Um dos mais importantes é José de Mesquita, fundador do IHGMT e presidente da AML. Mesquita contribuiu na primeira edição com o poema ‘Ypiranga’ (CIDADE VERDE, n. 1, p. 3, 1935), de marcado cunho patriótico.

Nesta mesma edição inaugural, uma fotografia da Casa Barão de Melgaço vem acompanhada da seguinte legenda:

O sylogeu Matto-Grossense, sede das nossas sociedades culturais, a ‘Academia Mattogrossense de Letras’ e o Instituto Histórico de Matto Grosso, onde hoje, commemorando o grande DIA DA PÁTRIA, se inaugura o Salão Nobre, com uma bella festa lítero-musical (CIDADE VERDE, n. 2, p. 6, 1935).

Já na edição de 26 de setembro de 1936, Cidade Verde reproduz um texto de Estevão de Mendonça, fundador do IHGMT e da AML, no qual noticia um evento social ocorrido na Casa Barão de Melgaço, concluindo a matéria de forma elogiosa:

José de Mesquita, Alayde de Oliveira e Philogonio Corrêa proferiram empolgantes orações patrióticas. O acadêmico D. Aquino Corrêa fechou, com chave de ouro, a sessão commemorativa, pronunciando um improvisado que arrancaram applausos prolongados. V. excia., tratanto, de maneira feliz e oportuna, da data que se celebrava, disse, invocando Santo Agostinho, que não queria ter nascido se não houvesse liberdade, e que, sem Cultura, não poderia haver nem Pátria nem Liberdade.

A festa promovida pelas sociedades culturais foi, talvez, a que deixou melhor impressão no meio intellectual de Cuyabá (CIDADE VERDE, n. 2, p. 6-7, 1935).

Interessante aspecto político merece atenção em Cidade Verde. No artigo ‘O Brasil e a nova mentalidade’, de Pinto Duarte, constata-se o espírito de radicalismo do pré-guerra, de forma que o periódico registrou não só a tensão da turbulenta transição getulista entre o governo provisório e o período constitucional, como adiantou o clima radical com que temas nacionais foram tratados:

Hontem, o problema nacional era, como bem observou Oliveira Vianna, a falta, no espírito de nossas elites dirigentes, do sentimento dos grandes deveres públicos, da hierarchia e da autoridade, e sobre tudo a ausencia de respeito subconsciente da lei e da consciencia do poder publico como força de utilidade social. Hoje, porém, o nosso problema é a impetuosidade com que se manifestam aquellas virtudes cívicas, que tendem já a descambar para o terreno do fanatismo.

Entretanto, como a revolução de 30 (bendita seja ella) fez nascer no espírito de nossos dirigentes um substractum moral formado de varias qualidades cívicas capazes de determinar, de modo permanente, as suas conductas na vida pública, estamos firmemente convencidos de que este Brasil não só *marchará às mil maravilhas*, como também representará *papel bem saliente* no concerto das Nações [grifos do autor] (CIDADE VERDE, n. 4, p. 4, 1935).

## 5. Conclusão

A presença de Rubens de Mendonça, considerado por vários críticos como poeta modernista de Mato Grosso, serviu de chamariz para o levantamento da revista Cidade Verde. Dos números disponíveis em microfilmagem, contudo, não se percebe o compromisso da publicação com uma estética essencialmente modernista. Pelo contrário: reforça valores conservadores, centrados em personalidades políticas e retórica patriótica, também ofertando entretenimento às elites cuiabanas.

A única presença modernista que aparece em Cidade Verde, quase ao final da sua quarta edição, é o poema ‘Música de Câmara,’ de Ronald de Carvalho. Descontextualizado do movimento ao qual se filia o poeta, funciona no periódico como mais um elemento para distrair os leitores. Ei-lo:

#### **MÚSICA DE CÂMARA**

Um pingo d’água escorre na vidraça.

Rápida, uma andorinha corre no ar.

Uma folha perdida esvoaça,

esvoaça...

A chuva cae devagar (CIDADE VERDE, n. 4, p. 9, 1935).

Trazer a lume o periódico enseja, inclusive, a discussão sobre os espaços inexistentes para movimentos modernistas em Mato Grosso. Se não inexistiram por completo, coabitaram pacificamente com outras estéticas e valores sociais, o que foi atípico nos centros urbanos de maior circulação. A miscelânea da revista também oportuniza a reflexão sobre a destinação de espaços de publicação, revelando o maior ou o menor interesse do público em literatura.

Recuperar os números de Cidade Verde pode resultar numa importante contribuição a historiadores e críticos literários. O trabalho inicial de microfilmagem da BN somado à catalogação preliminar do NHDIR-UFMT são fontes para a continuidade das pesquisas em várias áreas. Inclui-se agora ao acervo o periódico, até então ausente dos trabalhos sobre publicações culturais.

Os poucos números disponíveis indicam estéticas e temas relevantes, reforçam conclusões sobre o imaginário regional e oportunizam novas reflexões sobre a construção de uma identidade mato-grossense, a partir da massificação das imagens de Cuiabá reunidas em fotos, lendas, crônicas, personalidades destacadas e outros.

Finalmente, resta questionar, sobretudo, o quê e quem não estão presentes em Cidade Verde, e ainda o que essa ausência representa.

## **6. Referências**

CIDADE VERDE. Cuiabá, a. 1, n.1, 7 set. 1935.

CIDADE VERDE. Cuiabá, a. 1, n. 2, 26 set. 1935.

CIDADE VERDE. Cuiabá, a. 1, n. 4, 1935.

COSTA, Maria Ione Caser da. *Cidade Verde*. Periódicos & Literatura. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/cidade-verde/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, Corsíndio Monteiro da (org.). CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Terra natal*. Poética. Brasília: [s.n.], v. 1, t. 2, 1985. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor.)

SILVA, Rosana Rodrigues da. Dom Aquino Corrêa. In: SILVA, Rosana Rodrigues da.; COCCO, Marta Helena (orgs.). *Nossas vozes, nosso chão*. Clássicos da literatura produzida em Mato Grosso. Antologia poética comentada. Cáceres: Unemat Editora, v. 2, p. 13-22, 2015. Disponível em: <[http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/eletronico/nossas\\_vozes\\_nosso\\_chao.pdf](http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/eletronico/nossas_vozes_nosso_chao.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2022.